

DESMISTIFICANDO A HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE AFRICANA

Não se pode falar da história, cultura e religiosidade africana se não fizermos uma conexão entre o grande mundo atlântico que forma vários elementos da identidade de nossa formação. Devemos refletir fazendo uma viagem ao passado e veremos a situação do escravo sequestrado trazido para terras desconhecidas o qual era vivido sobre a proteção dos seus deuses. E perceberemos que a escravidão é chocante, assustadora, uma espécie de herança maldita que herdamos. Mas por outro lado do ponto de vista social, cultural e espiritual, foi um incidente histórico que permitiu a formação na raça brasileira.

Erramos nos colocar numa posição de juízes em dizer que isto é de branco e isto é de preto, este estar certo ou aquele estar errado, é preciso enxergar o contexto cultural que nos estamos avaliando e desse contexto extrairemos todas as nossas respostas.

Essa herança maldita deve ser abolida de nossas mentes e aprendizado escolar, acadêmico e social. Devemos realmente enterrar esse passado em que o africano era um ser visto na sociedade como selvagem acorrentado à miséria.

Somos possibilitados de desconstruir e eliminarmos esses elementos de ideologia racista a que nos mesmos brasileiros contextualizou e rotulou.

O africano trouxe com ele mistérios de suas terras em que ele era rei e virou escravo em terras desconhecidas, sua história não valia de nada aos olhos europeus, sua cultura era pobre e sem brilho e sua religiosidade era vista como “coisa” do diabo. Desse olhar gerou-se até hoje o preconceito que veio dessa origem, origem mesmo, do lugar de onde o negro saiu, pois tudo que vem de negro não presta e é maldito.

Podemos até afirmar que muita coisa muita mudou, hoje não é tão difícil encontrar história de negro/escravo em livro, poemas, música, dança, filmes e novelas com participação de negros, e não devemos esquecer os gabaritados cargos de poderes assumidos. Mas o preconceito permanece quando: o livro só conta o lado negro do negro, a dor, o sofrimento e a miséria, os poemas soam ao que leem lágrimas, a dança é algo de exibicionismo, as novelas sempre possui aquela negra doméstica ou o negro ladrão, e nem mesmo o senhor presidente dos Estados Unidos deixa de sofrer preconceitos por sua cor, mas que vai atrever em mencionar algo a tão grande cargo ao chefe de Estado?

Esses são os mistérios e lacunas não reveladas no currículo escolar para a desmistificação ao “do preto no branco”, apenas para reconhecimentos da história e sua cultura, em 20 de novembro pela a grande guerra de “cor” vivenciada por Quilombo e regenerando suas forças para lutas de outras guerras que venham a sua frente.

E quando o assunto é religiosidade, aí que o currículo fica oculto mesmo ou transforma a religião em folclore, que mais uma vez aparece “coisa de negro”, comidas criadas da inteligência da mulher negra, moda africana, adereços estéticos e até músicas afro viram ritmos carnavalesco, que todos cantam e dançam saudando aos Orixás, nem compreendem, porém diverte-se, e ainda colocam o candomblé como dança impregnada ao folclore de uma ou várias regiões.

O culto a ancestralidade chamado aqui no Brasil de candomblé, é um culto a natureza, os mistérios desse culto que são awo (segredos) existentes em todas as religiões e culturas, mas só a religião do negro é mal vista, porque carregamos esse preconceito.

Quando o negro que adora seus deuses manifestados através da força das energias do ar, água, terra, fogo, é interpretado com praticante de uma magia negativa chamada de negra por ser de negro. Ao contrário a isso, os africanos fazem uma manifestação permanente dessas energias da natureza, que muitos que dizem serem adeptos de religiões tradicionais não praticam a manutenção da troca da energia vital - a fé.

O escravo africano que veio ao Brasil deixou de cultuar o seus deuses no coletivo e passou a cultua-lo individualmente, passou a considerar na linguagem do católico como o seu anjo de guarda para não sofrer tantas perseguições e serem menos fixado ao preconceito.

O elemento primordial do candomblé é o asé (energia, força) que celebra a vida que circula em tudo e todos, por isso se explica a quantidades de festas, comidas, riquezas nas suas vestes e adornos chamadas de paramentas. Tudo isso é o conceito da energia que é transmitida e retornada de forma gradual a quem se dá e ao que se recebe.

As portas de um ilé (casa, roça ou terreiro) estão sempre abertas, lá não se faz discriminação da sua cor, sua raça, seu gênero ou sua classe social todos são realmente família – irmãos. Os psicólogos, médicos e também podemos dizer nossos eternos professores estão sempre lá para acolher, entender e orientar, são mães e pais de santos (yalorixas e babalorixas) os quais receberam permissões de zelar, cuidar e guardar o orixá (anjo de guarda) de cada um que os procuram.

A escola e academia possuem a tarefa fundamental de desmistificar esse preconceito. São os nossos futuros alunos e pesquisadores que podem fazer a diferença e transformar esses preconceitos em objeto de pesquisa. Só haverá consciência do que realmente aprendeu quando possamos partir para a investigação, investigar o lado da contribuição do negro e toda sua cultura e religiosidade.

Passaremos a entender ou pelo menos compreender, que os elementos da natureza são indispensáveis na preservação do meio ambiente, e estes, são sagrados para o negro, desse sua saída da África para o Brasil.

A perseguição pode ter sido abolida, mas a escravidão ainda permanece no preconceito meu, seu, nosso, quando evitamos de falar e expor nossas ideias sobre o que é de negro. Mas não ficamos acanhados quando precisamos muitas vezes de um remedinho (lambedor) para curarmos de nossas doenças, ou de concelhos de forças sobrenaturais para tais explicações que homem branco (medico) não entende determinada enfermidade, além do mais.... são das mãos do preparo culinário da yabassé (cozinheira) que mata a fome de muito branco quando esse é servido no grande banquete em dias festa nas casas de candomblé, e quando é o caruru? As crianças ficam felizes por que sabem que ali esta garantido o presente antecipado de natal, dado pelas mãos de um erê (filho do orixá).

Os deuses não nos revelaram desde o princípio todas as coisas, mas, com tempo, se buscarmos, poderá aprender conhecê-las melhor. A verdade certa, contudo, ninguém jamais a conheceu nem conhecerá: a dos deuses ou a de todas os africanos, mesmo se por acaso alguém pronunciasse o nome da verdade, não poderia reconhecê-la; neste universo de opiniões.

O CANDOMBLÉ é uma religião dinâmica, ao contrário da imaginação de muitos, pela sua variedade de deuses, é essencialmente monoteísta, crê em um único Deus e criador, Olorún (olo = dono, senhor; orun = céu, espaço celeste sagrado), que criou o céu e a terra, os orixás e o homem. O Orún sua moradia e dos Araorún, todos os ancestres e elementais divinizados; o Aiyé, moradia dos Araiyé, os seres humanos, os animais, vegetais, minerais e toda forma da natureza; os orixás, elementais da natureza por excelência, guardiões e fiscais da mesma, energia indispensável para toda sobrevivência, com função dupla: reger e cuidar da natureza em si e da natureza humana; o homem, objeto maior da sua criação, para de tudo usufruir dentro dos critérios do seu Criador. A teologia yorubana, só faz referência ao Orún e Aiyé , em momento algum, em qualquer circunstância, sobre as palavras - inferno e pecado - as leis, a lógica, o bom senso e os ensinamentos permeiam a conduta das pessoas, e, mesmo porque são termos posteriores à criação do homem pela teologia yorubana. No candomblé nada se inventa, tudo se aprende, o saber e

o conhecimento só vem com o tempo, ensinamento, humildade, axé, merecimento e compreensão; a sua prática tende a se adaptar, pelo crescimento e modernidade do mundo, professando a sua religião através dos seus ritos, cada vez mais, confinados no seu Ilé Asé (casa de candomblé).

Quanto mais aprendemos sobre o mundo, quanto mais aprofundamos nosso conhecimento, mais específico e articulado será nosso conhecimento do que ignoramos - O conhecimento da nossa ignorância. Essa de fato é a principal fonte da nossa ignorância: o fato de que o nosso conhecimento só pode ser finito, mas nossa ignorância deve necessariamente ser infinita.

O negro, preto, africano ou escravos que ainda persistem em chama-los são diferentes aos olhos dos homens, mas iguais aos olhos de Deus, Oxalá, Maomé, Buda ou qualquer nome que você possa designar ao seu criador.

Edsandro M. dos Santos
Acadêmico do 4º Período de Pedagogia
Babalorixá do Ilé Asé Idile Ogún
